



O COMPLEXO TERMAL DA SERRA DE CALDAS: A LINGUAGEM DO CONTEMPLATIVO E DO IMAGINÁRIO SOBRE ESPAÇOS DE GOIÁS¹

Margarida do Amaral Silva²

(2 - Universidade Federal de Goiás, Mestre em Gestão do Patrimônio Cultural/UCG, mestrando em Antropologia Social/UFG e doutoranda em Psicologia/PUC-Goiás. Profissionalmente, m.amaral.amaral@gmail.com).

Resumo

A água termal e a serra, no Complexo Termal das Caldas, do sudeste goiano, demarcou um espaço-tempo com realidade sócio-histórico-cultural amparada em três localidades distintas: a cidade de Rio Quente, a cidade de Caldas Novas e território da Lagoa de Pirapitinga. Sobretudo, como um ambiente do contemplativo e do imaginário, tem-se naquele contexto um tecer constante de ressignificações. Por isso, este estudo trata, principalmente, de uma exposição analítica de tais lugares nos quais os signos “água e serra” são capazes de unificar o que seria distinto e dissociável sem a existência destes marcos naturais e culturais.

Palavras-Chave: Complexo Termal das Caldas de Goiás; Serra e água; Apropriação do espaço; Representações e práticas culturais.

Abstract

THE THERMAL COMPLEX OF THE CALDAS NOVAS MOUNTAIN: THE LANGUAGE CONTEMPLATIVO AND THE IMAGINARY ONE ON GOIÁS SPACES

The thermal water and the mountain range, in the Thermal Complex of the Caldas, southeastern goiano, demarcated a space-time with supported partner-description-cultural reality in three distinct localities: the city of Hot River, the city of Caldas New and territory of the Lagoon of Pirapitinga. Over all, as an environment of the contemplativo and the imaginary one, one is had in that context to weave constant of ressignificações. Therefore, this study it treats, mainly, of an analytical exposition of such places in which the signs “water and

¹ Este estudo é parte do Capítulo III, da dissertação intitulada “Um certo sertão goiano: trilhas de palavras sob(re) o Rio Quente”, escrita sob orientação do Prof. Roque de Barros Laraia, e defendida em 2008 pelo Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural, da Universidade Católica de Goiás/UCG.



mountain range” are capable to unify what it would be distinct and dissociável without the existence of these natural and cultural landmarks.

Key words: Thermal complex of the Caldas of Goiás; Mountain range and water; Appropriation of the space; Cultural practical and representations.

1 - Um espaço para expor palavras sobre a apropriação do Espaço

Aqui, nesse sertão, a palavra também tem sido usada para eternizar memórias e manter viva a cultura semeada em campos que se diferem, mas recebem as mesmas sementes, os mesmos cantos, os mesmos enredos, capazes de selar a união de “um certo sertão goiano” com as práticas culturais de muitas pessoas alocadas sob a Serra de furnas e de falares. O que se vê implícito nas histórias sobre as águas quentes do sudeste de Goiás é a cultura do visível e do invisível. Seria, portanto, a constatação de que o registro de existência das águas termais goianas, referentes às localidades que compõem o Complexo Termal da Serra de Caldas³, tem os mais diversos enredos para relatar um dos fatos mais relevantes de toda a História de Goiás: a presença no sudeste do estado de fontes naturais de águas quentes com a maior vazão do planeta.

Então, no caso das Caldas, a linguagem do imaginário que se multiplica é, na verdade, a soma de parte dos enredos que circulam por aqueles espaços, como forma de evidenciar pela palavra – que é um meio para transpor e compor realidades – variadas concepções dos lugares com águas quentes, materializados como portadores de representações e elementos simbólicos. E esse exercício “da linguagem do imaginário” tem desenvolvido um exotismo [...] na composição das representações de um povo, que estão justapostas aos múltiplos aspectos contemplativos locais (CERTÉAU, 2005: 41). E, sendo o contemplativo e o imaginário dois suportes centrais da História, até mesmo “a figura presente do imaginário pode narrar uma ausência” (Ibidem: 44), atestando aquilo que já se foi, deixando, ou não, rastros de significados profundos.

³ A expressão “Complexo Termal da Serra de Caldas” será usada, neste contexto, para significar o trinômio relativo à cidade de Caldas Novas, à cidade de Rio Quente – que compreende a Pousada do Rio Quente – e o espaço da Lagoa de Pirapitinga: as três localidades, por estarem situadas nas proximidades da Serra de Caldas e possuírem registros da existência de águas quentes, compreendem, portanto, o Complexo Termal da Serra de Caldas, no sudeste de Goiás. Esta divisão também fôra utilizada por Teixeira Neto *et al.* (1986, p. 13), no livro “Complexo Termal de Caldas Novas”, no qual este foi esboçado em três setores: Caldas Velhas, Caldas Novas e Lagoa de Pirapitinga.



A palavra, portanto, é o que assegura o transporte dos valores humanos, através das frestas do tempo, por diferentes caminhos e pelos mais variados enredos, especialmente, através da palavra edificada pelo homem local.

Em um lugar remoto, ao qual ninguém se ia, sabe-se lá há quanto tempo ele existia, tinha uma montanha misteriosa e enorme, que visava mostrar ao mundo o valor de seu patrimônio natural. Este amontoado maciço no seu avanço, escalando o infinito, sobrepujando-se as verdes matas do árido sertão de tanta beleza rude e intocável, a julgar pela sua metamorfose, assemelha-se à cratera de um vulcão já extinto há milhões de anos. [...] nesse lugar, desta terra pátria, descoberta por um navegante português, Pedro Álvares Cabral, em 1500, ficando sob o domínio de Portugal até a independência, conquistada pelo imperador D. Pedro I, desde então, aventureiros e bandeiras à caça de ouro (NOGUEIRA, 2000: 3).

Por este viés, quando são vislumbrados os aspectos segregados que compõem a história do “descobrimento das águas termais”, do sudeste goiano, é possível refletir sobre a linguagem gestora de imagens e sentidos, uma vez que se pode encontrar tal evento como um dos fatos históricos relatados, por alguns autores, dentre os mais antigos do Brasil no contexto dos enredos que harmonizam a recomposição da História. Inclusive, o livro “História de Goiás”, de Zoroastro Artiaga, ainda hoje, instiga o imaginário de diversos leitores que se interessam em obter informações sobre o mito fundador de um vasto patrimônio cultural de termas que se agregam aos caminhos das furnas situadas na Serra das Caldas de Goiás.

O verdadeiro descobrimento destas terras, ninguém sabe como se deu! Parece que alguém entrou antes de Sebastião Marinho; de vez que ele, nos seus relatórios, confessava já ter informações, sobre estes sertões! Seu mergulho foi muito profundo e seguro, para ser um simples aventureiro. *No ano de 1545, a Espanha possuía informes sobre nosso cristal de rocha, e sobre nossas águas-termais.* Pires de Almeida, no seu livro “Lambari e Cambuquira”, transcreveu alguns trechos de jornais e livros espanhóis, sobre as virtudes curativas das águas termais de Caldas Novas, situando-as em graus de latitude e longitude que, mais ou menos, aproximavam-se de Caldas Novas. Quem descobriu as terras? Não sabemos! Honramos e homenageamos, ao Anhangüera, fundador de ordem legal e jurídica de Goiás, na impossibilidade de sabermos quem aqui esteve primeiro; pondo, de lado, a hipótese das incursões dos fenícios, gregos e persas, que levaram cristais de rocha e pau-brasil, da margem do Tocantins. A “História Geral das Bandeiras Paulistas”, não registra entrada alguma, antes de Sebastião Marinho (1958: 11-12, grifo nosso).

Embora haja ainda muita discordância sobre o que se toma como “descobrimento das águas quentes”, é sempre importante lembrar que os discursos históricos, tão intrinsecamente emaranhados nas distintas memórias oficiais que povoam o Brasil, são demarcados por fatos eventuais como, por exemplo, a existência do Tratado de Tordesilhas,



que se constitui um portador de ampla significância no que tange à demarcação espacial dos interiores sertanejos da América do Sul, em especial. Por isso, convém ressaltar que, além de Artiaga ⁴, muitos autores locais tem usado o descobrimento das termas goianas como enredo para suas reflexões acerca de tal descobrimento e povoamento do estado de Goiás.

No livro, “Roteiro turístico da águas quentes de Goiás”, de Camargo⁵ (1987: 9), há representação de um olhar do homem local, que também procurou perpetuar a visão multilateral relacionada ao “descobrimento das águas quentes goianas”, narrando que “as águas termais da Lagoa de Pirapitinga e de Caldas Novas, pelo que consta dos arquivos da Biblioteca Pública de Sevilha, foram descobertas em 1545 por Sebastião Marinho, caindo logo depois no esquecimento”, e sendo redescobertas, posteriormente, “em 1777 pelo paulista Martinho Coelho de Siqueira”.

Mas, não cessaram por aí a existência de abordagens historiográficas que optassem por este viés, a princípio utilizado por Artiaga, em registros sobre a História de Goiás e, por consequência, sobre a apropriação territorial de Goiás. No livro “Caldas Novas: além das águas quentes”, de Albuquerque ⁶ (1996: 25), lê-se o seguinte: “as primeiras informações sobre as águas quentes de Caldas Novas datam de 1545, pouco tempo após o descobrimento do Brasil e foram citadas por uma publicação da Espanha, no século 17 [...]”. Seguindo esta linha, surgem, ainda, Cassiano e Ferreira ⁷ (que como Albuquerque e Camargo, também são representantes do “olhar local” sobre o espaço das Caldas) com o livro “A maravilhosa região das águas termais de Goiás: Caldas Novas – Rio Quente”. Ambos relatam que “as águas termais da Lagoa de Pirapitinga e de Caldas Novas constam nos arquivos da Biblioteca Pública de Sevilha (Espanha) e foram descobertas em 1545, por Sebastião Marinho, caindo logo no esquecimento de todos”. E, sobretudo, acrescentam que “a província até então

⁴ Jornalista e historiador, “Zoroastro Artiaga é autor de vasta obra de importância principalmente para Goiás [...] é um pesquisador constante e paciente. [...] Consultando arquivos empobrecidos pela irreverência de ignorantes, [...] traduzindo documentos seriamente injuriados pelo tempo e pelas traças, Zoroastro Artiaga conseguiu dar uma verdadeira situação aos acontecimentos, aos fatos mais salientes da descoberta, da colonização e da administração de Goiás” (Viggiano *apud* Zoroastro, 1961: 5-7). “Zoroastro Artiaga [...] estudando a flora e a fauna, [...], descrevendo rios ou montanhas, [...] estudou todo o Brasil Central e, ao mesmo tempo, toda a Nação” (SILVEIRA *apud* ARTIAGA, 1961: 9).

⁵ “Ruy Bueno de Arruda Camargo [...] possui obras publicadas sobre medicina e conservação da Natureza” (Resumo biográfico).

⁶ “Carlos Albuquerque nasceu em Minas Gerais [...]. É também escultor e membro da Academia de Letras e Artes de Caldas Novas [...]. É membro-fundador do GESCAN – Grupo Ecológico Serra de Caldas (Resumo biográfico).

⁷ “Laurindo Ferreira de Souza é paulistano [...]. Foi diretor da Associação dos Guias de Turismo do Brasil [...], sendo quem primeiro confeccionou material sobre o histórico da pousada do Rio Quente” (Resumo biográfico).



conhecida como ‘Goyáz’ pertencia à Espanha pelo Tratado de Tordesilhas de 07 de junho de 1494” e que “a fama do ouro e das esmeraldas trouxe para cá homens decididos a descobrir e levar as riquezas naturais da região” (CASIANO; FERREIRA, 2001: 19).

Por outro lado, Siqueira ⁸ (2006: 98), aborda a seguinte colocação, não menos diferente das veiculadas por Artiaga, Camargo, Albuquerque, Cassiano e Ferreira: “os primeiros registros sobre as águas quentes, onde hoje é a cidade, datam de 1545, pouco tempo depois do descobrimento do Brasil, e foram citadas por uma publicação na Espanha, no século XVII”. Contudo, com visão menos entusiasta sobre a possível presença castelhana nas paragens goianas, como também sobre a descoberta empírica do território antes da Descoberta oficial, Siqueira reafirma sua crença no fato de que “a História é sempre passível de revisões a qualquer momento”.

Há tempos defendo a crença de que é dispensável passar a raso a obra de outros historiadores, para escrever história, ou apontar-lhes os ‘erros’ e omissões se o jamais se enganar fosse virtude pessoal, assim um dom divino, um privilégio de família. Isso não significa de modo algum aceitar o que escreveram como absoluta, imutável, algo susceptível tão-só de repetições, jamais sujeitos a qualquer contestação ou a nova abordagem. Independentes da ocorrência de novas abordagens historiográficas, sempre surgem novos documentos: novos diários, crônicas, cartas, relatos de época são encontrados, e o historiador não pode simplesmente desconhecê-los ou trocá-los pela crença de já dominar inteiro o fato eleito para historiar (SIQUEIRA, 2006: 167).

Entretanto, Siqueira não cessa sobre tal assunto, dando prosseguimento às suas análises ao se firmar em fontes e/ou registros documentais, para validar a possível ‘inviabilidade’ da presença humana, no interior dos sertões goianos, no século XVI, ao enfatizar que:

Em 1545 os portugueses ainda se limitavam ao litoral brasileiro; do outro lado da Cordilheira dos Andes, os espanhóis ainda não se aventuraram no interior da América do Sul. Sem se arriscarem pelo interior do País, se desesperavam para instalar capitanias hereditárias em lutas constantes com o indígena; os espanhóis, estes se encontravam do outro lado da Cordilheira dos Andes. De outra parte, o século XVII não poderia ser citado, como se fosse validar a primeira notícia das águas quentes goianas, pertencendo o ano de 1545 ao século XVI (SIQUEIRA, 2006: 98).

⁸ Jacy Siqueira é goiano de Pires do Rio e membro da Acadêmica Goiana de Letras. Estudou com vastidão documentos históricos, cartográficos, literários, dentre outros, que fazem referência à História de Goiás.



E, nessa última perspectiva adotada por Siqueira, e em contraposição aos demais discursos anteriores, se evidencia Berocan⁹ (2005, p. 242), que reflete sobre as águas do complexo termal goiano: “dizem existir documentos na Espanha, jamais identificados, que registram as águas quentes de Caldas Novas em 1545”. Mas, apesar desta preliminar, segue-se esta conclusão: “o mais certo é que, em 1726, o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva Filho entrou por aquele sertão à procura de ouro, e descobriu numa serra as fontes termais formadoras do Ribeirão das Águas Quentes”.

Assim, em função de tantas contemplações, é possível que por esse emaranhado exploratório, sobre as ‘verdades’ que estão subordinadas à História de Goiás, seja possível uma reaproximação ao pensamento de Certeau. Este autor enuncia uma nítida relação existente entre os sujeitos e os objetos, pela via da ‘palavra’: “na realidade, à maneira das palavras, os objetos transportam sempre mais longe, para outros objetos, os desejos que eles aliciam” (CERTEAU, 2005: 45).

Em outras palavras, a questão relativa à apropriação dos espaços também sugere que hábitos, representações, símbolos e mitos também fazem parte desse pensar as águas quentes daquele sertão, que se constitui como um “oásis termal de histórias”, no sudeste de Goiás. Com efeito, o signo “água quente” é capaz de evocar mais do que um conjunto de usos e costumes em comunidades locais: os aspectos culturais associados à apropriação das águas termais, principalmente pelas vias do turismo, tem encadeado práticas exercidas em igual proporção por todos que usufruem do patrimônio das Caldas goianas.

Aliás, os povos e as águas têm suas relações emaranhadas desde que o homem deu início aos processos de expansão e povoamento da Terra - dito ‘planeta das águas’. As categorias que regem a vida humana estão em estreitamento constante com os processos individuais e coletivos dos grupos sociais, para apropriarem-se do meio ao qual se encontram relacionados, seja por sentimentos de pertença, por herança cultural ou ambos. Devido a tais premissas, o olhar sobre estas águas, no interior de Goiás, desde sempre atraiu a atenção daqueles que, enquanto agentes culturais, tentam fazer sobressair vieses discursivos capazes de apresentar aquele ‘locus’ sobre o prisma de um tempo e um espaço (re)construídos como singulares, pelas vias do discurso. Portanto, a palavra – como instrumento para perpetuar e fazer transcender memórias – se coloca aqui, mais uma vez, como um veículo portador dos

⁹ Aracy Berocan, arquiteta e fotógrafa, escreveu o capítulo “Águas goianas: Caldas Novas, Rio Quente, Três Ranchos”, que consta no livro *Goiás: 1722 – 2002*.



mais diversos significados no que tange a história de ‘descoberta e apropriação’ das águas termais do Complexo da Serra de Caldas, situada no Centro-Oeste brasileiro.

Portanto, reconsiderar as Caldas como um conjunto identitário é necessário, neste ponto. Expõe-se, assim, que desde os mais antigos relatos, com focos multilaterais de inserção e de povoamento dos sertões - categorizados pela existência da Serra de Caldas – existe a união de três espaços, territorialmente, diacrônicos, mas, representativamente, resultantes da soma que unifica todos os espaços ladeados pela Serra, em função da presença das águas termais naqueles geoambientes.

A água termal, no complexo termal do sudeste goiano, demarcou o território do trabalho, da fala, do mito, das imagens, do longe e do perto, do seu-nosso lugar. A Serra emparelha a realidade sócio-histórico-cultural, como também a natureza geopolítico-econômica de três localidades distintas (a cidade de Rio Quente, a cidade de Caldas Novas e território da Lagoa de Pirapitinga). Sobretudo, como um “vulcão que expelle palavras” - que se dissipam na neblina de vapor, da aurora e do crepúsculo ¹⁰ -, tem-se naquele espaço o tecer constante de ressignificações sobre tais patrimônios. Trata-se, principalmente, de se expor lugares nos quais os signos “água e serra” são capazes de unificar o que seria distinto e dissociável sem a existência destes marcos naturais e culturais.

2 - A tríplice unidade identitária da Serra de Caldas: uma história imersa no mítico vulcão

É bastante oportuno propor que a “linguagem que alimenta o imaginário” seja compreendida como uma fonte que nutre os processos simbólicos humanos, pois, é devido “à linguagem, que a ‘cultura’ torna-se um neutro: o cultural” (CERTEAU, 2005: 41). Portanto, há o alerta de que as representações, veiculadas pelas palavras, nem sempre ‘abrem portas cerradas e modificam as coisas’. Os enredos podem cristalizar imagens, mas, para entendê-las, torna-se importante a determinação conceitual do que cultura. Afinal, esta “não caracteriza-se como um não-lugar onde todos os investimentos são possíveis, onde pode-se fazer circular ‘o que quer que seja’”, sobretudo, “porque o imaginário, pela linguagem,

¹⁰ Segundo o relato de alguns moradores ‘antigos’ da região, até algumas décadas atrás, a Serra de Caldas se fazia encoberta por uma densa ‘fumaça’, advinda do vapor das águas, que eram bem mais quentes nos anos pretéritos. Segundo alguns, de tal evento derivam as crenças na existência de um vulcão sob o solo daquela Serra.



multiplica-se, fala à multidão e ela a fala, sendo o nosso ar artificial que respiramos, que faz com que as mitologias proliferem” (Ibidem: 41).

Mas, se a cultura pode conduzir homens a ‘ouvirem as coisas mudas’, a procedência das mesmas ainda pode permanecer omissa frente à gama de possibilidades histórico-culturais de que esta é depositária. E é nesse enredo de ‘coisas mudas’ que o Complexo Termal da Serra de Caldas se dispõe enquanto espaço geo-histórico-cultural (in)tangível, permeado por inúmeras Histórias, histórias e estórias de desbravamento de seus espaços-sertões. Fala-se, entretanto, de uma Caldas como o lugar no qual se despontam as águas termais atadas aos fatos e relatos multidimensionais, que possuem vastos campos simbólicos nas quais suas ‘verdades humanas’ repousam/movimentam.

Mas, o que torna essa região do sudoeste goiano habitada por sujeitos de memórias relevantes aos olhos das ciências sociais, por exemplo, é a complexa teia de signos emaranhados e amparados na existência de fontes de águas termais no sertão central do Brasil, sendo que as mesmas foram apropriadas pelo homem também através da crença ou do mito. E, o modo como se dispõem categoricamente os recursos naturais, demarcados pela presença impactante da Serra de Caldas ¹¹ – um marco naquele horizonte -, semeia nas representações locais, ao mesmo tempo, um aspecto de unicidade e multiplicidade com base nos enredos que são compartilhados pelos grupos que se aglomeram ao “pé da serra”. A região daquela Serra, que é ladeada pelas cidades de Rio Quente e Caldas Novas e, ainda, pela Lagoa de Pirapitinga, é portadora de elementos espaciais de cultura, pois as histórias que ali se conta jamais podem designar um só grupo, desconsiderando a presença de uma tríplice unidade identitária fundamentada nos signos *água e serra*.

Portanto, o trinômio Rio Quente (Caldas Velhas e/ou Pousada do Rio Quente), Caldas Novas e Lagoa de Pirapitinga - que derivam espaço-culturalmente o Complexo Termal da Serra de Caldas - se mantém fundamentado em aspectos geopolíticos e histórico-culturais, pois os produtos do pensamento e da ação humana daquele sertão goiano partem também do uso simbólico de patrimônios de natureza material: a serra e as águas quentes. A representação da serra e da água, acima de tudo, compreende a essência que singulariza a presença humana e seus aspectos culturais, a partir do momento em que há materializado o

¹¹ “A Serra de Caldas tem 1.043m de altitude com 81km de diâmetro, o seu primeiro nome foi Serra das Caldas, depois Serra de Caldas Velhas e Serra de Santa Cruz, devido à ordem que havia sido designada de Portugal a explorar a região, e tudo o que fosse de interesse deles, levava o nome desta ordem, o que garantiria sua posse” (CASSIANO; FERREIRA, 2001: 19).



“vulcão das Caldas” enquanto produto de pertencimento e ressonância cultural local. A Serra de Caldas é um marco espacial de práticas culturais evidenciadas pela apropriação humana das águas quentes dos/nos espaços (Cf. Mapas 1 e 2).

O “vulcão das Caldas”¹² tornou-se o mais evidente tratado da cadência que tangencia rotas humanas individuais-coletivas, que se perfazem unidas pela paisagem intangível de uma Serra, com aspectos simbólicos bastante particularizados.

Rudimentar e magnífica estrutura física, sedimentada numa muralha de rochas negras e milenares, à resistência do tempo, arrancando-se para o cume, suplantava com altivez o solo agreste a ampará-la. A sua configuração morfológica assemelhada à cratera de um vulcão, na opinião de alguns geólogos, tratava-se de um, extinto, há milhões de anos. Outras hipóteses presumem que o cume da montanha se formou devido ao levantamento de uma ponta do magma, empurrando a crosta para cima e não conseguindo rompê-la. Provavelmente, em se tratando de vulcão, e tendo cessado as suas atividades eruptivas, adormeceu! (NOGUEIRA, 2002: 12-13).

Se, para muitas pessoas, a Serra de Caldas é um vulcão adormecido que, em suas entranhas, aquece as águas pelo calor da lava emanada em seu interior, torna-se pré-posto que em enredos populares também reside uma parcela das ‘verdades de um povo’. Em “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, por exemplo, após uma longa descrição sobre os processos geológicos de formação das Américas, figura colocações ‘científicas’ sobre um “vulcão das Caldas” existente no centro do Brasil, de modo que, a muito, são instigadas inúmeras reflexões sobre os reais motivos de aquecimento das águas que residem em várias fontes termais localizadas naquela região.

Não existiam os Andes, e o Amazonas, largo canal entre as altiplanuras das Guianas e as do continente, separava-as, ilhadas. Para as bandas do sul o maciço de Goiás – o mais antigo do Mundo – segundo a bela dedução de Gerber, o de Minas e parte do planalto paulista, onde fulgurava, em plena atividade, o *vulcão das Caldas*, constituíam o núcleo do continente futuro (CUNHA, 1998: 30, grifo nosso).

¹² Sobre a origem das águas termais que brotam da Serra de Caldas ou do suposto ‘vulcão das Caldas’, “a explicação mais moderna é mais simples e natural, pois considera que o fenômeno das águas quentes decorre de características geológicas e topográficas muito peculiares da região: a água seria aquecida pelo calor que provém de camadas profundas da crosta terrestre, constituídas de camadas rochosas de xisto e quartzito, ambas impermeáveis. Estas rochas têm consistências diferentes: o xisto tem uma formação rochosa mais plástica, isto é, mais moldável; o quartzito tem uma formação mais rígida. Quando sobre pressão, possibilitam fraturas, formando grandes vãos. E é nesta camada que estão os reservatórios de águas termais.” (BEROCAN, 2005: 244-245).



São constituições de enredos como este que selecionam, definem ou (re)estruturam, em movimento cíclico, a identidade cultural de um povo, pois a apropriação simbólica do espaço está disposta pela declaração daquele que se expressa. Então, falar do Complexo de Caldas, com enfoque mais restrito para a Cidade de Rio Quente – ou Caldas Velhas –, pressupõe que sejam considerados os processos simbólicos locais emparelhados à história de Caldas Novas e da Lagoa de Pirapitinga, pela existência de aspectos de múltiplas configurações, que interligam esses “lugares”.

O homem que rompe limites espaço-temporais é o que reside naquele Complexo. Há a impressão de que não existem barreiras para a disseminação de ‘enredos’ dali e daqui. A serra, naquele sertão, age enquanto signo unificador de discursos histórico-culturais, semeando nos campos humanos regionais, a partir de sua notoriedade por ‘imagens espaciais’ de demasiada complexidade simbólica.

Cada objeto reencontrado e o lugar que ele encontra no conjunto nos recordam uma maneira de ser comum a muitas pessoas e, quando analisamos esse conjunto e lançamos nossa atenção a cada uma dessas partes, é como se dissecássemos um pensamento em que se confundem as contribuições de certa quantidade de grupos. [...] Não estaríamos errados ao dizer que eles estão em volta de nós como uma sociedade muda e imóvel. Eles não falam, mas nós compreendemos, porque têm sentido que familiarmente deciframos. São imóveis somente na aparência, pois as preferências e hábitos sociais se transformam [...]. Assim se explica como as imagens espaciais desempenham esse papel na memória coletiva. O lugar ocupado por um grupo não é um quadro-negro no qual se escreve e depois se apaga números e figuras. [...] O local recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos (HALBWACHS, 2006: 158-160).

Mas, para além de quaisquer interpretações sobre as imagens construídas sobre estes ou aqueles “vulcões no sertão brasileiro” (Figura 1 e 2), é notório que a apropriação daquelas águas termais – especificamente pela Pousada do Rio Quente - as faz signos conotativos da presença humana, pois perpetuam uma espécie de “memória coletiva” relacionada ao advento dos espaços erigidos pelos homens, nas proximidades da Serra. Então, as três unidades urbanas, que formam o Complexo das Caldas são também o resultado da ação dos sujeitos que compõe tais espaços, principalmente, quando se considera Rio Quente (e a Pousada), Caldas Novas e a Lagoa de Pirapitinga como territórios que derivam, por seu conjunto, um compêndio imagético-espacial de significados multifacetários e extremamente amplos.

Então, tentar delimitar os territórios que formam o Complexo das Caldas goianas seria como assumir, em parte, que “cada aspecto, cada detalhe desse lugar tivesse um sentido

só inteligível para os membros do grupo”. Inclusive, porque “todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos no que nela havia de mais estável” (HALBWACHS, 2006:160).

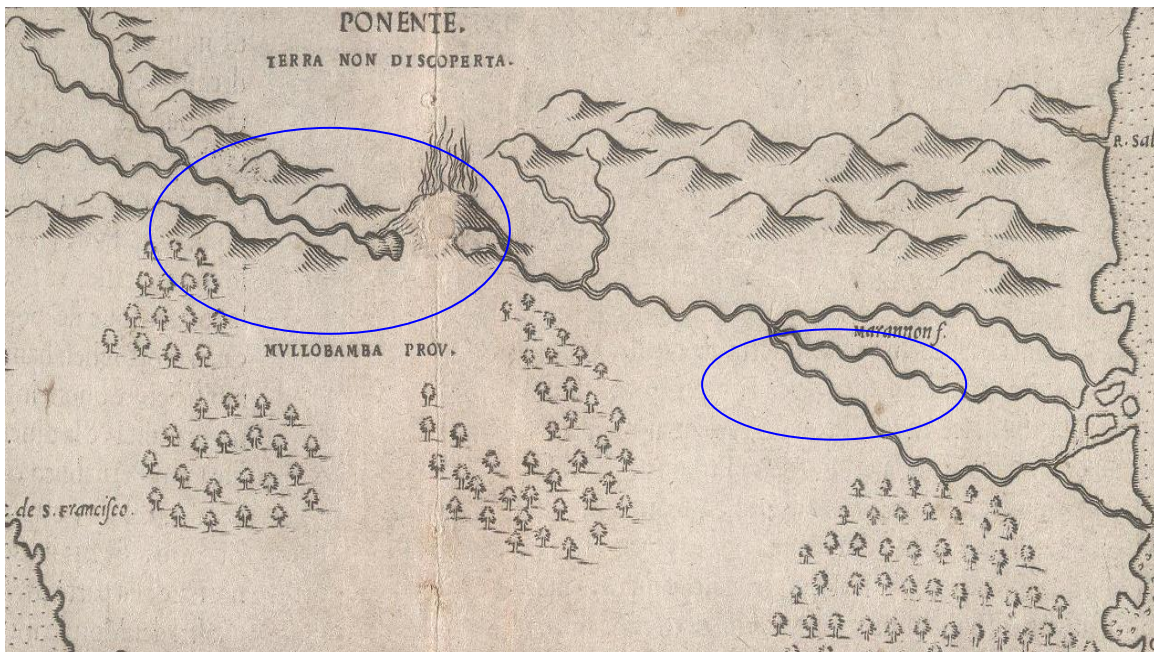
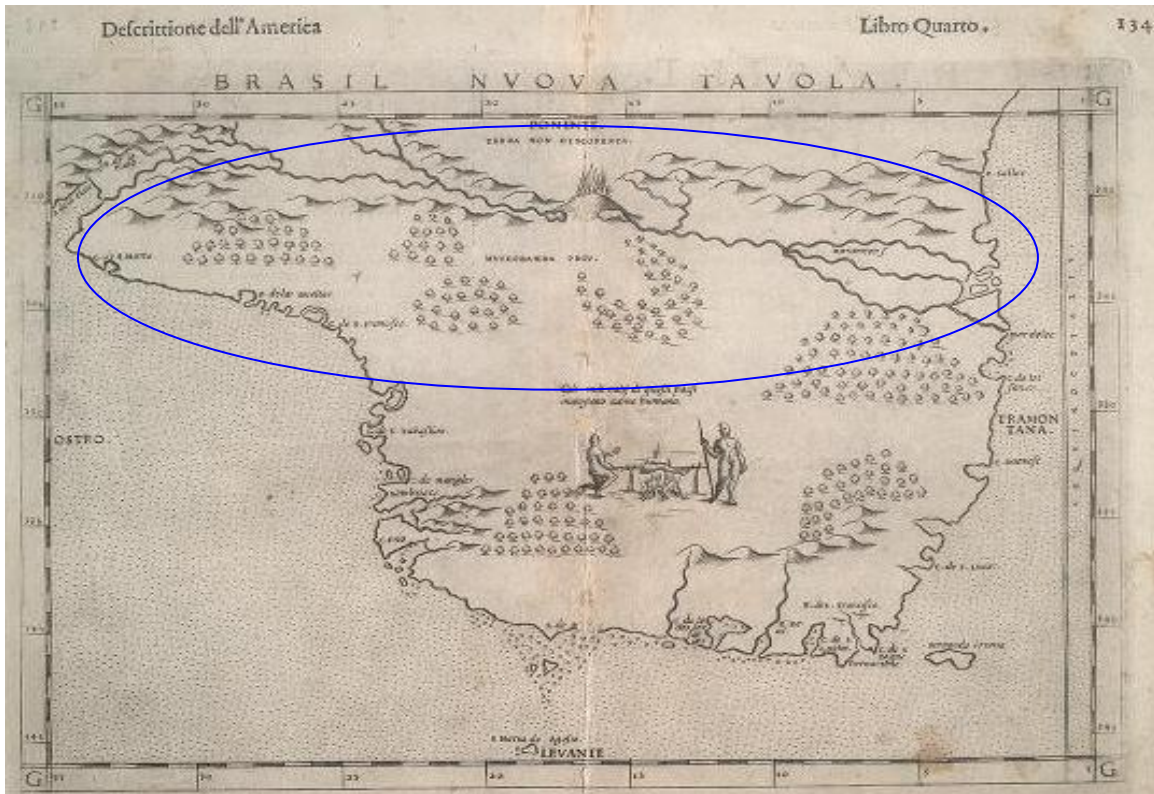


Figura 01: “Brasil Nvova Tavola” in “Descrittione dell’America” - capítulo quarto da edição de “Geografia de Ptolomeu” (fac-símile publicado neste século). Figuração do suposto “O Vulcão das Caldas” – disposição a partir do Rio Maranhão. Fonte: Biblioteca Virtual da Cartografia Histórica do século XVI ao XVIII/Biblioteca Nacional, 2008.

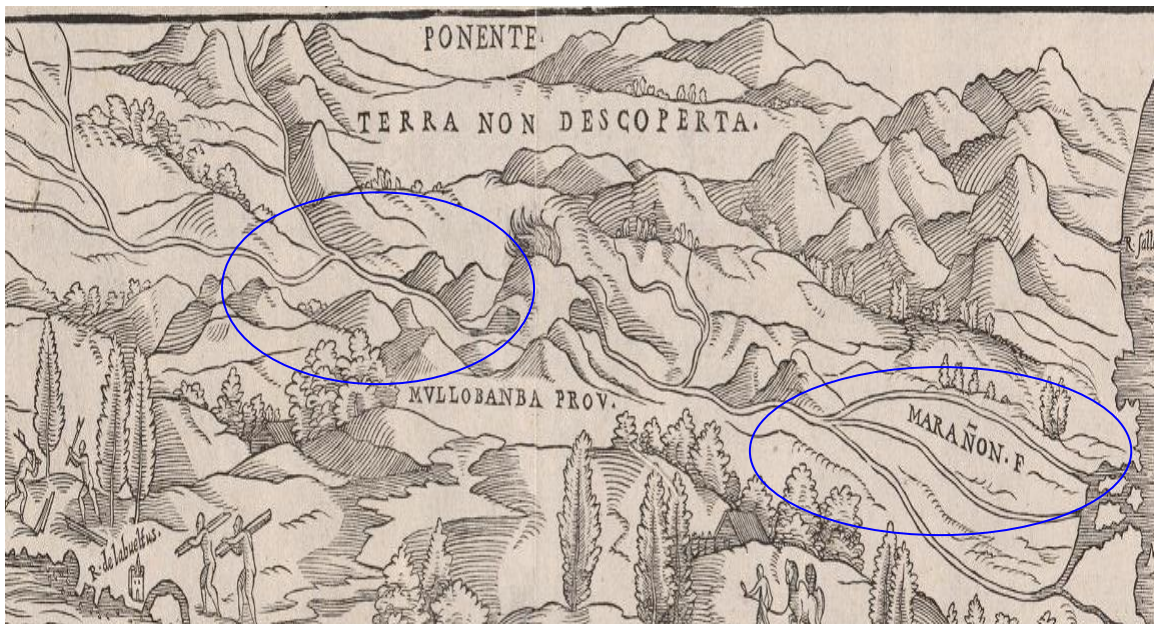


Figura 02: “Exploração do pau-brasil pelos franceses”, por Giacomo Gastaldi – faz parte do terceiro volume do livro “Navigationi et viaggi” de Giovanni Battista Ramusio. “O suposto Vulcão das Caldas” – disposição a partir do Rio Maranhão – com outra representação figurativa no território brasileiro, a partir da Ilha do Marajó e do Rio da Prata, em dois eixos referenciais extremos. Fonte: Biblioteca Virtual da Cartografia Histórica do século XVI ao XVIII/Biblioteca Nacional. 2008.



Assim, devido a algumas características do Complexo Termal da Serra de Caldas relacionadas à comunhão humana de um mesmo ambiente natural, em um mesmo tempo, torna-se bastante difícil distinguir os enredos e relacioná-los a demarcações espaciais específicas, ladeadas pela Serra. Em proporções adversas, todos os aspectos de identidade, memória e costumes locais têm sido compartilhados pelos agentes que pertencem aos espaços do Complexo, pois a Serra é o teto para habitação do que foi edificado abaixo dela: as práticas culturais nos atos e/ou nas palavras.

Nos discursos referentes à região, continuamente, fica nítida a fusão entre os focos que observam, narram os enredos e a complexidade das fronteiras (in)existentes no Complexo Termal do sertão goiano. Saber onde começam e onde terminam falares gera um amplo exercício de interpretação, porque os ‘espaços de fronteira’ das regiões amparadas no Complexo de Caldas, ao que parece, nunca existiram para a maioria daqueles que neles residem.

As histórias do Complexo se (con)fundem, desde os relatos de ‘descobrimento das águas quentes’, até as mais recentes tentativas de estabelecer espacialmente a localização, pela posição da Serra, dos pontos nos quais houveram as primeiras explorações humanas. Caldas Velhas e Caldas Novas se remontam, conforme apontam os muitos enredos “do próprio homem desses sertões”, como sendo o passado e o presente de um mesmo lugar.

O grupo designado para explorar o maciço que se levantava ao longe, veio pelo lado esquerdo do Rio Corumbá, atravessando-o abaixo da barra do rio Pirapetinga (lugar que denominaram Porto do Fundão, em virtude de terem chamado as bibocas das montanhas que margeiam o Corumbá com o nome de Fundão, conservado até hoje; seguindo em direção ao lado sul da Serra, atingiram a esta no encontro das vertentes divisórias das águas dos Ribeirões hoje denominados Santo Antônio e Bagre. Pesquisando pela encosta ocidental da Serra, encontraram as fontes, tão abundantes que, em pequeno círculo, formavam caudaloso e encachoeirado ribeirão. Foi aí estabelecido seu primeiro arranchamento, atraídos pelo convite a um banho na tepidez de suas águas, ou porque a estranha configuração da região acordasse as adormecidas lendas, que a mãe-preta tinha contado quando meninos. Hoje, naquele horroroso da beleza, ergueram um castelo encantado, cercado de um florido jardim das Mil e Uma Noites [...]. Chamam lá de Pousada do Rio Quente. [...] Do arranchamento, continuaram as pesquisas cavando as encostas da serra, pelo lado norte, explorando os grotões e os vertedouros que desciam do alto da montanha, encontrando sempre o pó amarelo entre as areias e formas que acompanhavam os minérios. Atingiram o flanco oriental do maciço que se alevanta altaneiro (mil metros acima do nível do mar); explorando o leito dos córregos, foram encontrar, na planície, outras fontes termais, de menor caudal, porém de temperatura mais alta; para diferenciá-las das primeiras encontradas, no outro lado, resolveram denominá-las de Caldas Velhas e Caldas Novas. Como nem as jazidas de Santa Cruz, nem as das cercanias e nem aluviões das vertentes da serra (que chamaram de Serra das Caldas) fossem ricas e promissoras catas das grandes pepitas do Rio Vermelho, porque nelas se encontrava ouro em pó,



seguiram depois das colheitas, em rumo norte: *Caldas de Pirapitinga*. Abandonados ficaram os arranchamentos de *Caldas Velhas* e *Caldas Novas*, que se desfizeram em breve tempo, pois eram provisórias construções e muito precárias (GODOY, 1978: 23-24).

No ano de 1722, Bartolomeu Bueno da Silva Filho, o sucessor do bandeirante conhecido como Anhangüera, foi o descobridor do que hoje corresponde à área da Pousada do Rio Quente. [...] Assim que se avistou a Serra de Caldas, o bandeirante buscou encontrar ouro e pedras preciosas. [...] Ao desbravar a serra, descobre o primeiro poço termal, que era coberto por uma gameleira, dando o nome de *Poço da Gameleira* e ao segundo de *Poço do Limoeiro* pelo mesmo princípio. Percorrendo mais o território se depara com o Rio Quente, dando o nome para a região de *Serra das Caldas* e *Rio das Caldas*. Nosso maior tesouro foi descoberto e impedido de ser levado a Portugal, pois se tratava das fontes termais de maior vazão do planeta. [...] De Santa Cruz de Goiás, partiu outro bandeirante chamado Martinho Coelho da Siqueira. Havia comentários de que no lado leste da Serra de Caldas, haviam encontrado ouro. Ao chegar à região, confirma a notícia e dá nome de Ribeirão das Lavras ao rio onde se lavrava o ouro. Este local ficava do lado oposto da Serra que Bartolomeu Bueno Filho havia encontrado em 1722. Como também ocorreu com Bartolomeu Filho, Martinho também encontra outras fontes e designou ao local o nome de *Caldas Novas de Santa Cruz*. [...] Com o passar dos anos, as *Caldas* (hoje, Pousada do Rio Quente) passou a se chamar *Caldas Velhas*, para se diferenciar de *Caldas Novas*, apesar da proximidade de 26km de distância. [...] No ano de 1777, Martinho Coelho da Siqueira descobre um outro ponto importante da nossa região, a Lagoa de Pirapitinga, por acidente. [...] Contam que seu cachorro, após perseguir uma caça, encontrou um ribeirão pequeno onde buscou saciar a sede. Na margem direita do ribeirão haviam duas nascentes termais, e o cão resolveu se refrescar justamente ali. Para sua infelicidade, encontrou a nascente termal mais quente do Brasil, conhecida como Nascente do Assa Ovo, que têm a temperatura média de 50 graus. [...] Curiosamente, Martinho põe o nome do ribeirão e da pequena lagoa que encontrara de *Lagoa do Pirapitinga*, devido ao fato de ter encontrado ali um peixe denominado “pirapitinga” (peixe esbranquiçado) que vivia dentro da lagoa, suportando tão alta temperatura (CASSIANO; FERREIRA, 2001: 19-23).

Mais certo é que, em 1726, o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva Filho entrou por aquele sertão à procura de ouro, e descobriu numa serra as fontes termais formadoras do Ribeirão das Águas Quentes – onde também existia ouro e prata, conforme o relato de frei Cosme de santo André, participante da 2ª bandeira do Anhangüera. Em 1777, Martinho Coelho de Siqueira, também em busca de ouro, encontrou outras duas fontes termais conhecidas como Córrego de Pirapitinga e Córrego das Lavras. Nesse período da descoberta de ouro na região foram nascendo as primeiras habitações que deram origem ao povoado de Quilombo (BEROCAN, 2005: 242).

Sobre a marcha da bandeira do Anhangüera II tenho lido muita coisa e até disparates e absurdos, mas nunca li que um roteiro, uma memória, qualquer documento de época assinalando sua presença junto das águas termais de Caldas Novas. Aliás, ele nunca trilhou o caminho percorrido por seu pai; desde a partida de São Paulo tomou outra direção. [...] O Rio Quente que os homens da bandeira de 1722 conheceram está situado entre Crixás e Uruaçu e em suas margens existiu um arraial do mesmo topônimo. A mais antiga referencia a um Rio Quente consta do requerimento de frei Cosme de Santo André, de 21 de agosto de 1733, pelo qual reclama ao rei D. João VI o direito de também receber parte do rendimento das passagens concedidas aos descobridores das Minas de Goiás, porque integrava a mesma bandeira de 1722-1725. [...] Segundo outro livro, de improvisado historiador local, Bartolomeu Bueno da Silva Filho montou uma operação guerreira para abordar as Velhas Caldas. [...] Tem-



se a impressão de assistir a enfadonhas cenas de filme holywoodiano de guerra [...]. Henrique Silva, in “Notas e Informações” (*A Informação Goyana*, abril de 1926), assim manifesta a sua irritação: “É coisa sabida que alguns goianos ignorantes da história de nossa terra costumam atribuir ao Anhangüera tudo quanto realmente existiu ou ainda lá existe – inclusive a caveira de burro enterrada... Outro dia, uma folha carioca estampava uma vista das fontes termais de Caldas Novas, em Goiás, atribuindo a sua descoberta, em 1722, àquele bandeirante paulista, que por sinal nunca lá pôs os pés. Essas águas foram descobertas em 1775 pelo caçador Martinho Coelho, como consta de nossa edição de 15 de janeiro de 1918” (SIQUEIRA, 2006: 99-101).

Em profundidade, tais discursos, por divergentes caminhos, são expoentes da existência de uma “Caldas Velhas” e uma de “Caldas Novas” em que seus enredos geohistórico-culturais estão reunidos. E, hoje, Caldas Velhas (que já foi Patrimônio das Águas Quentes) é chamada ora de Cidade de Rio Quente, ora de Pousada do Rio Quente - que é tão somente um empreendimento turístico, localizado no bairro Esplanada e tangenciado pela vazão das águas quentes que estão no sopé da Serra de Caldas, localizada no município de Rio Quente.

Assim, seja no bairro Esplanada, na cidade de Rio Quente ou de Caldas Novas, ou ainda no empreendimento turístico da Lagoa de Pirapitinga, existem identidades somadas pela visão única dos locais nos quais se apresentam fontes de águas quentes. A Pousada do Rio Quente, às vezes, se faz cidade aos olhos do passante, ora se configura como bairro, ou se apresenta como empreendimento que fomentou o “desenvolvimento’ regional” das Caldas Velhas pela apropriação turística de furnas que compõem o cenário natural da vasta Serra de Caldas. Então, onde se esconde a identidade do habitante de um lugar que se fundiu a tantos outros? Sabe-se, somente, que existe, de fato, algumas tantas verdades residentes nos sertões de Goiás. Há um rio de águas quentes situado na nobre Pousada – originada dos antigos arranchamentos e pousos de mineiros, boiadeiros e doentes que buscavam a cura pelas águas curativas que se esvaem no espaço-tempo.

Portanto, se completa, por tais eixos, a fusão de nomes e enredos locais, pois a Serra de Caldas e suas águas são mantidas, por muitos olhares interpretativos, como condicionadores no passado e no presente, nos contextos de palavras. E, em tais contextos, ao antigo Patrimônio das Águas Quentes, dá-se o nome de município de Rio Quente, que acolhe em si o bairro Esplanada, no qual se insere a Pousada que ampara as fontes de águas termais da Serra de Caldas. E, assim, seguem emaranhados espaços, os simbólicos que portam



os enredos locais, com significados dependentes do foco adotado para vislumbrar aquele território de serra e de águas quentes em Goiás.

3 - Serra e água enquanto objetos culturais da cidade de Rio Quente

O apego material ou culto ao monumento, legado do capital, tanto em nível individual como coletivo¹³, é justificado, no Complexo da Serra de Caldas, pela razão de salvaguardar a memória. Então, a ação de preservar as águas termais, a Serra de Caldas, a cidade de Rio Quente e/ou a própria estrutura da Pousada do Rio Quente enquanto monumentos¹⁴ - patrimônios materiais e imateriais¹⁵ - os tornam produtos culturais alicerçados em atos e/ou manifestações notoriamente humanas.

O estudo multifocal do contexto rioquentense, imenso nas representações coletivas do Complexo das Caldas, culmina com o tônus central de uma das questões que têm ocupado, com destaque, o centro de discussões acerca dos patrimônios culturais e dos monumentos que os integram, por sua “ambígua natureza”, e por estarem associados às experiências preservacionistas, em particular, de caráter histórico-arquitetônico, sócio-antropológico, geoambiental e arqueológico. Por isso, meditar sobre o “culto moderno dos monumentos” em nossa sociedade globalizada, implica em resgatar a teoria de Riegl acerca da dimensão singular dos monumentos – sejam materiais ou imateriais -, “como o cortejo de instituições e pessoas que ele celebra, com seus ritos e seus mitos” (CHOAY *in* RIEGL, 2006: 15), já que o valor de contemporaneidade é ancorado, muito profundamente, na historicidade e nas práticas culturais que ela celebra.

O patrimônio cultural de Rio Quente, nesse tocante, emerge no contexto dessas reflexões como, também, um ‘monumento riegliano’ (2006: 43) - “que é obra criada pela mão do homem e edificada com o propósito preciso de conservar, presente e viva na consciência de gerações futuras, a lembranças de uma ação ou destino (ou a combinação de ambos)”. E, por outra vertente, quando se relevam as representações do patrimônio goiano que evoca na Pousada, na Serra e nas manifestações representacionais do ideário humano de retenção simbólica das práticas humanas, é possível também que sejam consideradas reflexões, em

¹³ Cf. Dumont (1985).

¹⁴ A Política Patrimonial Brasileira foi historicamente descrita por Lima Filho (2006: 23-24), que destaca os Decretos nº 25, de 1937, e nº3.551, de 2000, a Lei nº 3. 924, de 1961, além das Constituições de 1934, 1937,1946, e 1988, como instrumentos legais de proteção do patrimônio cultural brasileiro material e imaterial.

¹⁵ Sobre o patrimônio material e imaterial, ver além da Constituição Federal de 5 de outubro de 1988 - que garante em seu Artigo 24 a “proteção do patrimônio (material) histórico, artístico, turístico e paisagístico” -, o Decreto nº 3.551 de 4 de agosto de 2000 – que “institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro”. (COLETÂNEA de Leis sobre Preservação do Patrimônio, 2006).



especial, sobre o gerenciamento do patrimônio cultural que constitui a paisagem daquele local, por ser um suporte do “patrimônio do outro”.

O patrimônio cultural de Rio Quente expressa, portanto, “a identidade e a memória monumentalizadas de uma cidade, principalmente, ao configurar a experiência cultural do homem como (i)material, em face da ressonância - inerente ao “material de expressão” ao qual aquele patrimônio se encontra associado. Há uma constante “i(e)mersão” de produtos culturais (i)materializados, que se expandem, pela ação humana, para além das fronteiras materiais do espaço histórico-cultural que contempla a região das Caldas Velhas de Goiás. Segundo Azevedo (1999 *apud* ALMEIDA, 2003: 280) - que considera o “espaço público como arena onde a memória se constrói” -, a “matéria-prima” para a (re)construção do passado é de domínio público, “onde os indivíduos tecem suas redes de significado com símbolos a sua volta e constroem histórias e seus referenciais”.

Então, é na materialidade patrimonial ¹⁶ do território das Caldas, de modo específico, que a expressão humana evidencia seus moldes culturais ¹⁷, embutindo na matéria grande parte dos referenciais sócio-histórico-culturais das sociedades que configuram a identidade cultural ¹⁸ e a memória dos indivíduos que se relacionam, direta ou indiretamente, com o meio territorial local. Assim, o patrimônio que compreende a Serra de Caldas, tem em si embutido a significação de todas as representações ¹⁹ inerentes aos ‘sujeitos da História e suas histórias’, uma vez que eles são uma das vias pelas quais se materializa o que outrora se instaurava na imaterialidade do imaginário ²⁰ individual e/ou coletivo.

Contudo, apesar da materialidade ser sempre um esconderijo de universos subjetivos, a imaterialidade cultural ganha, na atualidade, ênfase no âmbito de discussões sobre o homem e a simbologia implícita nas representações a ele atribuídas. As identidades e as memórias dos indivíduos, por vezes, transcendem o visível e mensurável, para abrigar-se no seio intangível das sociedades. Toda a relevância a ser atribuída a quaisquer produções humanas, no tocante das discussões patrimoniais, tornou-se uma arena para ações reflexivas.

Por isso, em um contexto de exposições analíticas sobre o “mundo dos homens” e, por que não, um “mundo das coisas”, o patrimônio cultural – no contexto espacial

¹⁶ Cf. Choay (2001) *A Alegoria do Patrimônio*.

¹⁷ Cf. Geertz (1989), *A Interpretação das Culturas*; Cuche (2002), *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*.

¹⁸ Cf. Hobsbawn; Ranger (2002), Cavalcanti (2001), Arantes (2001).

¹⁹ Cf. Bourdieu (2004), Jodelet (2001) e Moscovici (2001).

²⁰ Cf. Warnier (2003), *A mundialização da cultura*; Canclini (2003), *Culturas Híbridas*.



rioquentense - tem seu lugar de direito resguardado enquanto foco representativo do passado (in)tangível e da “matéria” representativa do homem, que configurou ranchos e pousos pretéritos na Pousada de signos múltiplos. Segundo Lerói-Gourhan (1965: 121), em seus estudos sobre “os símbolos da sociedade”, o “homem só é homem na medida em que está entre outros homens e revestido dos símbolos representativos da sua razão de ser”.

Então, é na (re)significação da (i)materialidade patrimonial que a existência humana busca a salvaguarda de suas expressões materiais e representações e/ou práticas culturais.

A conservação patrimonial dá a certeza de uma ordem do mundo e de uma organização do sentido. [...] a melhor testemunha desse fato é o “tesouro vivo”, aquele cuja totalidade do corpo nunca deixa de representar como tópico de transmissão de um *savor-faire*; um corpo maquinal. O conjunto de seus gestos precisos, repetidos, tornados visíveis para um público suscetível de se emocionar e se admirar, confere-lhe a majestade e o torna quase atemporal. O homem é a engrenagem mágica dentro da herança cultural de uma sociedade. (JEUDY, 2005: 17).

E, todavia, a patrimonialização dos produtos culturais humanos ascende o tempo e espaço social como forma de veiculação e manutenção das representações, signos e/ou símbolos de toda ação humana que advinda da caracterização dos agentes sociais enquanto seres *homo sapiens* e *homo habilis*. A ação é simbólica, e a matéria vem a ser a encarnação das imagens edificadas pelos seres.

Nesse ponto, as estruturas que compõem o Complexo da Serra de Caldas emergem, conforme Morais (1999 *apud* ALMEIDA, 2003: 281), como a composição de “parte da herança cultural legada pelas gerações do passado às gerações futuras”. Acima de tudo, tem-se a clara percepção de que o patrimônio local pode ser compreendido como uma matéria portadora de mais do que “uma referência ao passado”, sendo, de modo ambíguo, “uma referência do presente”. Afinal, “é no presente que são estabelecidas as relações entre os indivíduos e o patrimônio; é no presente que os grupos sociais distintos elegem o seu patrimônio e é no presente que os órgãos públicos decidem o que é o patrimônio público”.

O patrimônio pretérito/presente conduz a materialização da memória a uma garantia real contra o esquecimento, já que as “coisas tangíveis especialmente”, por exemplo, se constituem representações animadas e, fundamentalmente, tornam-se frutos daquele gesto criador ao qual o sujeito se prestou por uma necessidade expressiva. Mas, há de se considerar que, em cada tempo e em cada povo, há necessidades específicas a serem supridas. Portanto,



os homens tornam-se capazes de reter a singular materialização social das suas coisas, que serão fundamentos do seu mundo.

4 - Considerações Finais

A realidade espaço-temporal vivenciada pelos indivíduos, no Complexo da Serra de Caldas, é veículo de análise para o fato de que naquele território de/sem fronteiras, há homens semelhantes construindo sua história separadamente, como sempre houve no longo percurso da História da Humanidade. A variedade histórico-cultural do patrimônio de Rio Quente, que ampara a Pousada – apesar da realidade sócio-política denotar o contrário –, somada aos patrimônios culturais da cidade de Caldas Novas e do locus da Lagoa de Pirapitinga, são sinônimos afirmativos de que a humanidade escolhe o como e o onde se perpetuará. Tem-se ainda um modo através do qual se irá registrar (in)tangivelmente a “sua marca”, como um rastro cultural do sujeito histórico no espaço que apreendeu suas práticas contínuas, culturais.

Esse fato, com efeito, direciona a compreensão de que o “mundo dos homens”, inevitavelmente, tem influência sobre os das “coisas”, pautadas em práticas cotidianas, que se eternizam pelo anseio humano de manifestar-se, consolidando práticas e construindo símbolos. Isso é notório, por exemplo, quando são analisadas as condições de vida impostas pela modernidade, em que o homem dispõe de grande parte de sua vida para o trabalho e para a reformulação de suas ações profissionais.

É necessário reconhecer, assim, que a relevância da cultura material e imaterial dos indivíduos do Complexo da Serra de Caldas, monumentalizados nas identidades e memórias manifestas nos/pelos homens, tornou-se uma representação de uma situação conflituosa estabelecida entre os grupos envolvidos em tal contexto espaço-temporal. Há, naquele Complexo, o que pode chamar de antagonismos inerentes à própria concepção de patrimônio histórico como um bem coletivo situado numa sociedade fundamentada no direito romano que, por isso, é privilegiadora do direito à propriedade privada dos espaços. Assim, a memória, que se perfaz enquanto prática representativa do patrimônio de Rio Quente e como bem coletivo, está enfrentando a ausência de consenso sobre passado e história, já que é suporte de processos identitários da população local que está alicerçada, territorialmente, numa cultura material da posse e do privativo.



A ressonância²¹ e a representação social²² do espaço no qual se situa o Complexo da Serra de Rio Quente, na verdade, constitui o patrimônio (i)material rioquentense como carente de elevação da significância de uma memória que impregna e restitui ‘a alma das coisas’ e (re)situa o sujeito no mundo vivido mediante o trabalho da memória. Ou seja, o espaço patrimonial do Complexo das Caldas goianas, carece da força e dinâmica coletiva que o objeto, enquanto expressão da materialidade da cultura do grupo social, remete à elasticidade da memória.

Daí a necessidade de se preocupar com o corpo, a natureza física do ‘objeto’ – as águas termais, a Serra de Caldas, a Pousada e a cidade de Rio Quente – como instrumentos de manutenção do que é tido como bem particularizado, por ter relações invisíveis, mas fundamentais, com a memória social de grupos específicos. Afinal, como explica Sahlins, “nenhum objeto, nenhuma coisa é ou tem movimento na sociedade humana, exceto pela significação que os homens lhe atribuem” (2003: 170).

O caráter histórico-cultural do espaço patrimonial da Serra de Caldas expressa, sobretudo, uma necessidade de apreciações que contemplem a amplitude semântica que tal território evidencia, a fim de conferir àquele contexto humano a reorganização de reflexões, por meio do diálogo com a coletividade, composto principalmente pelo elemento “público”, que se faz ator/agente histórico-social. A “poética social”, em Complexo Termal de Rio Quente poderá, assim, designar uma consciência histórico-cultural às ações sociais e/ou práticas culturais que emergem, cotidianamente, daquele espaço-lugar.

Trata-se de mediar ações pautadas no fato de que a cultura expressa formas de ser, moralidade, regras e normas de conduta de uma determinada sociedade. Então, a contemplação dos territórios patrimoniais podem ser estimuladas, de forma reflexiva, a fim de configurar no indivíduo um movimento de estranhamento para com a sua própria história, a fim de (re)colocar-se como produtor e produto de enredos ambíguos, complexos, efetivados pelos gestos e pelas palavras que são lançadas nos espaços.

²¹ “Por ressonância eu quero me referir ao poder de um objeto exposto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais, o poder de evocar no expectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o expectador, o representante” (GREENBLATT *apud* GONÇALVES, 2005, p. 20).

²² “As representações sociais são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos” (DURKHEIM, 2001 *apud* MELLO, 2006, p. 21).



5 - Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, C. *Caldas Novas: além das águas quentes*. Caldas Novas: Kelps, 1996.
- ALMEIDA, M. B. O público e o patrimônio arqueológico: reflexões para a arqueologia pública no Brasil. In: *Revista Habitus*, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia/IGPA, v.1, n.2, jul./dez., 2003, p.275-295.
- ARANTES, A. A. Patrimônio imaterial e referências culturais. *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n.147, out-dez/2001.
- ARTIAGA, Z. *História de Goiás – Primeiro Tomo: relato da vida político-administrativa de Goiás, de 1592 a 1946*. Goiânia: s/e, 1958.
- _____. *História de Goiás – Segundo Tomo: relato de acontecimentos históricos goianos de 1592 a 1946*. Goiânia: s/e, 1961.
- BIBLIOTECA VIRTUAL DA CARTOGRAFIA HISTÓRICA DO SÉCULO XVI AO XVIII. In: FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Cartografia Colonial*. Disponível em: http://consorcio.bn.br/cartografia/cart_colonial.html. Acesso: març. 2008.
- BEROCAN, A. *Águas Goianas: Caldas Novas, Rio Quente, Três Ranchos*. In: CHAUL, Nasr Nagib Fayad; BERTRAN, Paulo (Orgs.). *Goiás: 1722 – 2002*. Goiânia: AGEPEL, 2005.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- CAMARGO, R. B.A. *Águas quentes de Goiás: roteiro turístico*. São Paulo: Editora Parma, 1987.
- CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CASSIANO, R; FERREIRA, L. *A maravilhosa região das águas termais de Goiás: Caldas Novas – Rio Quente*. s/c: Editora Talento, 2001.
- CAVALCANTI, M. L. V. C. Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica. *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n.147, out-dez/2001.
- CERTEAU, M. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 2005.
- CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade/Editora UNESP, 2001.
- COLETÂNEA. *Leis sobre preservação do patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006.
- CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002.
- CUNHA, E. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- DUMONT, L. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.



- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GODOY, J. Theophilo de. *histórias e estórias de caldas novas*. Goiânia: Oriente, 1978.
- GONÇALVES, J. R. S. Ressonância, materialidade e subjetividades: as culturas como patrimônios. In: *Horizontes Antropológicos*. v. 23, Patrimônio Cultural. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- JEUDY, H.P. *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- JODELET, D.. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Orgs). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001, pp. 17-44.
- LEROI-GOURHAN, A. *O gesto e a palavra 2 – memória e ritmos*. Lisboa: Perspectivas do homem/Edições 70, 1965.
- LIMA FILHO, M. F; ABREU, Flávio Leonel. Por uma antropologia do objeto documental: entre a “alma das coisas” e a coisificação do objeto. *Horizontes Antropológicos*. V. 23 Patrimônio Cultural. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- LIMA FILHO, M. F. Cidades patrimoniais e identidades nacionais: questões antropológicas na perspectiva comparativa entre o Brasil e os Estados Unidos. LIMA FILHO, M. F; BEZERRA, M. (Orgs). *Os caminhos do patrimônio no Brasil*. Goiânia: Alternativa, 2006.
- MELLO, M. M. *Goiânia: cidade de pedras e palavras*. Goiânia: UFG, 2006.
- MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, Denise (Orgs). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- NOGUEIRA, A. *Rio Quente: uma história aquecida pelas suas próprias águas*. Rio Quente: Prefeitura Municipal, 2000.
- CHOAY, F. Título. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2001.
- RIEGL, A. *O culto moderno dos monumentos: sua essência e sua gênese*. Goiânia: UCG, 2006.
- SAHLINS, M. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- SANTOS FILHO, J. O espaço urbano e a cultura da resistência. In: *Sociologia Especial: As cidades e a sociedade*. Ano I, n. 1, 20007, p. 53-57.

SIQUEIRA, J. *Um contrato singular – e outros ensaios de História de Goiás*. Goiânia: Kelps, 2006.

TAMASO, I. Preservação dos patrimônios culturais: direitos antinômicos, situações ambíguas. In: *Anuário Antropológico/98*. Rio de Janeiro, 2002, p. 11-49.

TEIXEIRA NETO, A. *et al. Complexo Termal de Caldas Novas*. Goiânia: UFG, 1986.

WARNIER, J.P. *A mundialização da cultura*. Bauru: EDUSC, 2003.